

# As “ianes” do porão: análise morfo-pragmática das atuais construções X-iane

Katia Emmerick Andrade\*  
Roberto Botelho Rondinini\*\*

## Resumo

Este artigo trata de aspectos relacionados à constituição de novas formações do tipo X-iane no português do Brasil, como ocorre em “falsiane”, “gordiane” e “sinceriane”, de uso recorrente, na atualidade, principalmente, em situações comunicativas informais e em gêneros textuais típicos do ambiente eletrônico. Tais palavras apresentam marcante característica predicativa, podendo ser parafraseadas como “pessoa que é X”. Em virtude das particularidades identificadas nessas construções, fundamentamos, prioritariamente, sua descrição por meio de abordagens teóricas relativas: (a) ao processo de Cruzamento Vocabular (GONÇALVES, 2006; ANDRADE, 2013); (b) ao conceito de *splinter* (ADAMS, 1973; DANKS, 2003; BAUER, 2005) e (c) à definição de sufixo (BASILIO, 1987; GONÇALVES & ANDRADE, 2012) para, em seguida, propormos uma formalização do fenômeno nos moldes da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2007, 2010), modelo que permite uma análise unificada da formação de palavras complexas, compostas ou derivadas, por meio do estabelecimento de esquemas construcionais, a partir dos quais é possível delimitar a estrutura de palavras já existentes e o modo como novas palavras podem ser formadas.

Palavras-chave: Cruzamento Vocabular. *Splinter*. Derivação. Sufixo Avaliativo. Esquema Construcional.

## Introdução

Este artigo propõe-se a discutir o estatuto da sequência fonológica -iane, presente em construções do tipo “chatiane”, “escrotiane”, “falsiane”, “gordiane”, “sinceriane”, dentre várias outras, as quais, a princípio, eram restritas ao universo *gay*, mas, hoje, vêm sendo utilizadas, frequente e indiscriminadamente, entre os jovens, sobretudo, nas interações comunicativas das redes sociais.

\* Professora Adjunta do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

\*\* Professor Adjunto do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Ao longo do texto, destacamos as características do formativo -iane, a fim de verificar se as novas formações X-iane, de caráter essencialmente predicativo, em geral, com valor de depreciação, (a) são resultantes de cruzamentos vocabulares de nomes próprios terminados em -iane, recorrentes entre nós, a exemplo de “Adriane”, “Cristiane”, “Fabiane”, “Juliane”, “Ticiane” etc. (representados aqui por N-iane) com um adjetivo avaliativo, como ocorre em “falsiane” (“falsa” + N-iane), “intrrometiane” (“intrrometida” + N-iane), “babaquiane” (“babaca” + N-iane); ou (b) são geradas por sufixação, visto que, em decorrência do uso frequente de construções desse tipo, a sequência fonológica -iane, com o conteúdo semântico de “pessoa que é”, estaria passando a comportar-se como um sufixo.

Levando-se em conta que a literatura não faz menção a essas novas palavras, temos o propósito de (a) realizar uma análise detalhada do formativo em questão e, conseqüentemente, abordar os processos morfológicos que podem estar envolvidos na constituição das formas X-iane; (b) propor a formalização desses itens lexicais, com base em um modelo teórico que venha possibilitar uma descrição adequada, seja qual for o processo subjacente em sua formação.

O trabalho encontra-se dividido em seis seções. A primeira destina-se à apresentação dos dados, em que se averigua o contexto em que estão inseridos, bem como a maneira informal com a qual essas formações são empregadas nas variadas situações discursivas. Para respaldar a nossa pressuposição de que o fragmento -iane possui propriedades morfológicas quer como um *splinter*, quer como um afixo sufixal, na segunda seção, faz-se uma breve abordagem acerca dos *splinters*, ou seja, recortes de palavras permanentes em uma série vocabular advinda de cruzamentos; e, na terceira, apresentam-se as características gerais dos sufixos. Como nosso intuito é observar as motivações das formações X-iane, na quarta seção, descreve-se sucintamente o modelo que fundamenta a análise - a Morfologia Construcional (BOOIJ, 2007; 2010). Nessa perspectiva teórica, uma construção é vista como esquemas generalizados (esqueletos formais desprovidos de informação proposicional), que são preenchidos mediante o conhecimento lexical do falante com unidades existentes na língua, interrelacionadas formal, sintática e semanticamente; portanto, um modelo capaz de licenciar o surgimento de palavras nos moldes X-iane. Na quinta seção, aplica-se o modelo nos dados colhidos, já que o aporte teórico utilizado possibilita a criação de padrões construcionais que, por sua vez, colaborariam para a constatação do surgimento de um novo sufixo produtivo, formalmente expresso como -iane. À sexta e última seção, reservam-se as considerações finais, em que se retomam os fatos mais relevantes apontados ao longo do texto.

## 1. Apresentação dos dados

O *corpus* analisado engloba palavras recolhidas de *sites* de redes sociais (*facebook*, *blogs*, *instagram*) e de diversas situações comunicativas, como programas de rádio e televisão, conversas espontâneas, revistas voltadas ao público jovem, a fim de verificar o maior número possível de novas formações. Não houve seleção de falantes nem aplicação de testes ou questionários para a coleta dos dados de fala. Tal recolha foi realizada ao longo da pesquisa, conforme verificávamos as ocorrências, seja através dos meios de comunicação, seja através de diálogos do cotidiano. Após esse levantamento, as palavras foram divididas de acordo com a acepção da palavra-matriz e, posteriormente, identificou-se a constituição do vocábulo em termos da natureza categorial das bases e de seus produtos.

Cabe destacar que consideramos, na presente análise, apenas as formações com a sequência *-iane* utilizadas, especificamente, nos contextos e significação já delimitados. Desse modo, antropônimos, tais como “Chatiane”, “Cabriane” e “Judiane”, dentre outros possíveis, somente foram incluídos no *corpus* quando identificados exemplos que veiculassem a noção de “pessoa que é X”, em contextos comunicativos informais. Além disso, a forma livre “Iane”, antropônimo cujo significado e origem já foram objeto de debates em ambiente eletrônico (ver <http://orkut.google.com/c3375120-t295011459a6c0986.html>), igualmente não pertence ao escopo da pesquisa. Em outras palavras, a sequência *-iane* ora observada não representa o nome próprio de livre curso na língua, mas tão somente aquela utilizada na formação contemporânea de novos termos vernaculares X-iane com a mencionada acepção. Ressaltamos, ainda, que termos já cunhados, homônimos das novas formações, não se mostram pertinentes a esta análise de caráter eminentemente sincrônico e, desse modo, estudos etimológicos correlatos, também, não foram contemplados.

Como já dito, nossa primeira hipótese é a de que *-iane* tenha surgido de cruzamentos vocabulares, ou melhor, da fusão de duas palavras existentes na língua, mais especificamente, da mescla de itens lexicais predicativos com nomes próprios formados com *-iane*: “Josiane”, “Liliane”, “Mariane”, “Poliane”, “Viviane”, dentre tantos outros. Note-se que tais antropônimos, além de terem uso habitual, não se confundem com possíveis novas formações e representam, de fato, uma das bases para a constituição dos cruzamentos. Cumpre reiterar que não

intencionamos realizar um estudo diacrônico dos termos, mas apenas evidenciar o seu uso frequente ao longo do tempo. Para tal, reproduzimos algumas informações, extraídas do *Wikipedia*, que ilustram essa recorrência do nome “Ane”, variante de “Ana”, em nossa sociedade.

O antropônimo “Ana”, oriundo do hebraico *Hannah*, e mais tarde do latim *Anna*, que significa “graciosa, cheia de graça”, foi um nome muito popular durante o Império Bizantino e, na Idade Média, tornou-se também muito comum entre os cristãos ocidentais em homenagem à Santa Ana, que apesar de não haver nenhuma confirmação, é considerada a mãe da Virgem Maria. O nome “*Anne*” surgiu pela primeira vez na Inglaterra, no começo do século XIII, mas tornou-se popular apenas no início do século XVII, quando os ingleses o confundiram erroneamente como uma variante de *Agnes*.

“Ana”, e sua variante “Ane”, é provavelmente um dos nomes femininos mais difundidos em todo o Ocidente, quer na sua forma monomorfêmica, quer aglutinado a outros nomes, a exemplo do que ocorre no português do Brasil com “Adriana(e)”, “Mariana(e)”, “Juliana(e)”, “Luciana(e)”, “Tarciana(e)”, dentre inúmeros outros.

### 1.1. Distribuição dos dados

Foram encontradas 92 palavras atípicas com a sequência -iane que circulam reiteradamente na língua. De um modo geral, trata-se de construções que têm por base nomes com função adjetiva (substantivos e adjetivos), como se pode observar no *corpus*, ilustrado no quadro abaixo, em (01), em que as formas investigadas estão distribuídas de acordo com a categoria lexical da palavra-fonte.

A interpretação desses itens lexicais passa pelo grau de previsibilidade do significado das palavras tomadas como base (LANGACKER, 1987), o que implica significados mais transparentes e outros mais opacos, mais dependentes do contexto. Contudo, tanto nos vocábulos mais transparentes, quanto nos mais opacos, observa-se, a partir das paráfrases construídas para definir cada palavra, uma relação sintática de subordinação, em que -iane é o núcleo, o determinado, do significado do primeiro elemento, o determinante, evidenciando um processo de predicação morfológica, nos moldes de uma típica derivação sufixal.

QUADRO 1: (01) Quadro das formações em -iane

A		B	C
Amiguiane	Invejosiane	Baleiane	Abusadiane
Ansiosiane	Lentiane	Bolsiane	Arrombadiane
Babaquiane	Lerdiane	Bundiane	Biscatiane
Bestiane	Louquiane	Bucetiane	Craquiane
Chatiane	Magriane	Burriane	Conversiane
Ciniquiane	Maldosiane	Cabriane	Droguiane
Cretiniane	Maluquiane	Caralhiane	Esqueciane
Crentiane	Metidiane	Cachorriane	Faveliane
Doidiane	Obesiane	Capetiane	Fedidiane
Duriane	Otariane	Capivariane	Fuderiane
Educadiane	Parceiriane	Cobriane	Funkiane
Escraviane	Perigosiane	Diabiane	Iludiane
Escrotiane	Pobriane	Galiane	Intrometiane
Estressadiane	Podriane	Palitiane	Lacradiane
Estudiosiane	Putiane	Piraiane	Lasquiane
Falsiane	Ridiculiane	Piroquiane	Namoriane
Fofiane	Safadiane	Sexiane	Perguntiane
Fresquiane	Sinceriane	Quenguiane	Preguiciane
Gordiane	Sonsiane	Tartaruguiane	Recalquiane
Gostosiane	Traidoriane	Trairiane	Respondiane
Grossiane	Trouxiane	Vaquiane	Sofriane
Hipocriane	Vadiane	Viboriane	Verdaderiane
Ingratiane	Vagabundiane	Zebriane	Viciadiane
Inimiguiane			

Os dados, em (01), distribuem-se em três colunas: A, B, C. Na coluna A, estão elencadas as formações mais transparentes, construídas a partir de uma base facilmente reconhecida como um adjetivo, por ser de uso frequente. Em B, encontram-se aquelas em que a partícula -iane se conecta a bases substantivas, mas que exercem função adjetiva, motivadas por metonímia (p. ex. “bolsa” > “bolsiane” = “que roda bolsinha, prostituta”; “sexo” > “sexiane” = “que é viciada em sexo”), ou por metáfora (p. ex. “galinha” > “galiane” = “que é galinha”, no sentido pejorativo do termo). Em C, listam-se as formações que podem suscitar dúvidas de interpretação, pois estão bem mais sujeitas à paráfrase “pessoa que é

X” para a definição da palavra-matriz, que pode um ser adjetivo participial, isto é, uma forma nominalizada de verbos do particípio passado (p. ex. “esquecer” > “esquecida” > “esqueciane”), um adjetivo de verbal (p. ex. “sofrer” > “sofredora” > “sofriane”), ou um adjetivo denominal (p. ex. “funk” > “funkeira” > “funkiane”).

A partir dos dados relacionados em (01), constata-se que a partícula -iane se agrega prioritariamente a bases predicativas para formar um adjetivo avaliativo, ao atribuir uma dada propriedade ou qualidade à entidade designada, denotando, sobretudo, depreciação. A adição dessa partícula a nomes adjetivados conduz à supracategorização (cf. BOOIJ, 2005, p. 273), uma vez que as novas formações pertencem à mesma categoria lexical da base; configurando, portanto, uma adição pleonástica, estritamente supérflua, em termos morfológicos.

Contudo, semanticamente, o formativo amplia o significado da palavra-fonte, pois focaliza uma característica psicológica (ou mais raramente, física) de alguém que se destaca por essa característica habitual, diferentemente da forma adjetival simples, que indica tão somente uma propriedade, sem restringir o referente. Em outras palavras, com o uso das formações X-iane, o foco aponta para o referente, que se constrói dinamicamente na atividade de interação comunicativa, ao qual se atribui a característica veiculada pela base, adicionando-lhe informações semânticas; no caso, propriedades de aspecto iterativo, em geral indesejáveis, de alguém conhecido pelos interlocutores, sobre quem o locutor exprime um juízo de valor negativo, raras vezes, positivo.

Em (02), abaixo, pode-se observar o efeito de sentido desencadeado pelas formas X-iane e a estreita relação que essas construções estabelecem com o discurso, por exercer, sobretudo, função pragmática, visto não somente contribuir para o aumento do grau de informatividade, como também deixar claro o julgamento do falante perante o que diz.

(02) “Todo mundo conhece uma **falsiane** – aquela amiga que parece suuuperlegal, mas na verdade age com a maior falsidade pelas costas<sup>1</sup>.”

Devido à inviabilidade de elencar o conjunto de fontes utilizado no levantamento dos dados e os contextos em que foram coletados, optamos por destacar, a seguir, em (03), alguns exemplos pertencentes a cada um dos grupos analisados.

---

1 Disponível em <<http://todateen.com.br/papo-bff/os-melhores-memes-sobre-falsiane/>>. Acesso em 09 jul. 2016.

(03) a. “Um bande (sic) de **invejosiane** so (sic) mais a Ana Paula olha ela<sup>2</sup>”.

b. “A Juliane é muito **lentiane** meu Deus...Ainda não percebeu que o boy tá dando em cima dela..ow menina devagar”<sup>3</sup>.

c. “Se você tem um (sic) amiga **Conversiane** fuja agora. Além de ficar falando pelos quatro cantos vai espalhar por aí todos os seus projetos secretos, e nenhum deles vai acabar vingando de tanto recalque”<sup>4</sup>.

d. “Está aberta a temporada das falsidades! Este é o momento especial em que as “falsianes” e “**vaquianes**” passam o óleo de proba na cara e saem desejando felicidades a todo mundo.”<sup>5</sup>

e. “Aí também tem aquelas **funkianes** que querem dar uma de emo. (Emo fake já basta eu,”<sup>6</sup>

f. “Sai pra lá sua **INTROMETIANE** não pedi sua opinião. #Ridícula (sic)”<sup>7</sup>

Na seção a seguir, investigamos o estatuto morfológico da sequência -iane, e, como pressupomos que esse formativo advém do processo de cruzamento vocabular, tido muitas vezes como marginal na formação de palavras, abrimos a seção com uma brevíssima introdução dessa criativa operação morfológica.

## 2. Estatuto morfológico da sequência -iane

### 2.1 Cruzamento Vocabular

Consideramos cruzamento vocabular (doravante CV) como o resultado de uma operação não concatenativa, em que duas palavras de livre curso na língua se fundem para formar uma terceira, que, ao mesmo tempo, retoma o conteúdo semântico das bases e gera um novo significado, a exemplo de “macarronese” (fusão de “macarrão” com “maionese”) e “namorido” (fusão de “namorado” com “marido”). Dessa perspectiva, em um primeiro momento, as construções X-iane podem ser oriundas de CV, visto nada impedir que “falsiane”, por

---

2 Disponível em <<http://www.cloud765.info/2016/02/ana-paula-vira-meme-na-internet-olha.html>>. Acesso em 09 jul. 2016.

3 Disponível em <<http://www.qualeagiria.com.br/giria/lentiane/>>. Acesso em 09 jul. 2016.

4 Disponível em <<http://getthelook.com.br/2015/11/26/chora-falsiane/>>. Acesso em 09 jul. 2016.

5 Disponível em <<http://garotasde91.com.br/tag/vaquiane/>>. Acesso em 09 jul. 2016.

6 Disponível em <<https://www.wattpad.com/165394890-a-vida-de-uma-adolescente-retardada-n%C3%A3osouobrigada>>. Acesso em 09 jul.2016.

7 Disponível em <<https://twitter.com/escrotild>>. Acesso em 09 de jul.2016.

exemplo, tenha sido formada pelo cruzamento de “falsa” com N-iane, em que N-iane representa a expressão formal de antropônimos femininos comumente usados em nossa sociedade: “Cristiane”, “Lidiane”, “Tatiane”, “Viviane”, *etc.*

Após análise exaustiva de vários tipos de CV (cf. GONÇALVES, 2006; ANDRADE, 2013), verificou-se a regularidade de uma parte não morfêmica em novas formações, que adquire algum estatuto morfológico pela frequência de uso, refletindo o que Adams (1973), Danks (2003) e Bauer (2005), dentre outros autores, denominam de *splinter*, razão pela qual defendemos que a sequência fonológica -iane pode e deve ser tratada como um *splinter*, assunto que será abordado a seguir com mais vagar.

## 2.2. *Splinters*

Os *splinters* são reconhecidos como fragmentos de uma palavra formada por CV que permanecem em novos CVs. Tais fragmentos caracterizam-se (a) semanticamente, pela vinculação a palavras, isto é, por evocação às formas de origem; (b) fonologicamente, pelo rastreamento do pé métrico nuclear da palavra-alvo, que, uma vez isolado, não se revela uma sequência fonológica com significado; caso contrário, o pé selecionado será o secundário; e (c) estruturalmente, por não constituírem um morfema especificado, dando mostras da interação inevitável entre os níveis gramaticais. Desse modo, sequências iniciais ou finais recorrentes nos CVs são reconhecidas como *splinters*. A título de exemplo, temos o CV “sorvetone”, formado pela mescla das bases “sorvete” e “panetone”, para denominar “panetone de sorvete”. O pé nuclear “tone”, perceptível nessa formação, embora não corresponda a nenhum constituinte morfêmico em “panetone”, reaparece em uma série de CVs que se baseia nessa mesma palavra, a exemplo de “frutatone”, “chocotone”, “trufatone”, “gelotone”, entre outros.

A análise detalhada dos dados coletados levou-nos a identificar a forma “falsiane” (“falsa” + N-iane) como o CV motivador de uma série de palavras; visto que, por analogia, deu origem a inúmeros outros CVs, nos quais a sequência -iane é recorrente, comportando-se como um *splinter*. Ademais, os CVs são altamente dependentes do contexto para que seus significados sejam, de fato, depreendidos, e isso não é diferente com as novas construções X-iane.

Os *splinters*, portanto, são fragmentos de uma palavra que permanecem em novas formações. Eles podem ser iniciais, como, por exemplo, caipi- (de

“caipirinha” > “caipifruta”, “caipivodka”, “caipilé”, “caipilima”) e fran- (de “frango” > “frambúrguer”, “franfilé”, “franlitos”) ou finais, -nejo(a) (de “sertanejo” > “pagonejo”, “sextaneja”, “eletroneja”) e -lé (de “picolé” > “sacolé”, “sucolé”, “caipilé”). Desse modo, as sequências finais e iniciais recorrentes nos CVs são reconhecidas como *splinters*.

Bauer (2005) conceitua *splinter* como

um fragmento de uma palavra usado repetidamente na formação de novas palavras. *Splinters* surgem do processo de cruzamento vocabular [...]. Assim, *-nomics* em *Thatchernomics* é um *splinter*, recorrente em *Reaganomics*, *Rogernomics*, *Nixonomics*, etc. *Splinters* podem ter qualquer um destes três destinos possíveis. Podem desaparecer. Suspeito que isso foi o que aconteceu com *-teria* (um fragmento de *cafeteria* que teve um breve florescimento em palavras como *washeteria* mas agora parece ter-se tornado indisponível). **Podem tornar-se afixos produtivos.** Isso parece ser o que aconteceu com *-nomics*, referido acima, embora seja de produtividade muito baixa. E ainda eles podem tornar-se palavras independentes. Isso foi o que aconteceu a *burger*, originalmente uma reanálise de *hamburger*, que aparece em *beefburger* e *cheeseburger*. (BAUER, 2005, p. 104-105, tradução e grifo nossos).

Adams (1973) também utiliza o termo *splinters* para rotular os fragmentos de palavras remanescentes nos CVs e os descreve da seguinte forma:

Normalmente os *splinters* são formas irregulares, isto é, são partes de morfemas, e, embora, em alguns casos, não se observe nenhuma irregularidade formal, há uma relação especial de significado entre os *splinters* e algumas palavras “regulares” em que ocorrem. (ADAMS, 1973, p. 142, grifo do autor, tradução nossa).

A definição de Adams é valiosa no que se refere à relação entre um *splinter* e sua palavra de origem. No entanto, assim como Bauer (2005), Adams não aborda o modo como uma palavra é reduzida a *splinter* ou como se deve diferenciar um *splinter* de outras formas estruturais, tais como palavras truncadas e afixos.

Do ponto de vista formal, os *splinters* no interior dos CVs assemelham-se a palavras truncadas<sup>8</sup>, uma vez que estas são versões encurtadas de formas livres, a exemplo de “biju” (de “bijuteria”) e “cerva” (de “cerveja”), e, igualmente, aqueles também são recortes de palavras autônomas.

<sup>8</sup> Construções morfológicas resultantes do processo de truncamento vocabular (do ing. *clipping*).

Parte da confusão em torno da distinção entre formas truncadas e *splinters* pode ter origem no fato de os linguistas costumarem usar os termos como sinônimos (ALGEO, 1977, p. 50; BAUER, 1998, p. 408). Isso porque ambos os elementos são gerados a partir de um mecanismo, “...pelo qual um lexema (simples ou complexo) é encurtado, mantendo o mesmo significado e permanecendo na mesma classe gramatical”. (BAUER, 1983, p. 233, tradução nossa).

Contudo, *splinters* precisam combinar-se com um outro elemento a fim de formar uma palavra, já as formas truncadas resultam de um processo “...em que uma palavra é criada pela extração de uma porção arbitrária de uma palavra mais longa e preservação do seu significado [...]. Note-se, a propósito, que tais formações são verdadeiras palavras e não ‘abreviações’”. (TRASK, 1994, p. 21-22, grifos do autor, tradução nossa).

O ponto a ser destacado nessa definição é que o produto final do processo de truncamento vocabular é “uma palavra”, e essa parece ser a diferença crucial entre as formas truncadas e os *splinters*. Acrescente-se o fato de que a “...forma truncada e a palavra-matriz devem ser semântica e pragmaticamente intercambiáveis, ou seja, uma forma pode ser substituída pela outra sem que haja perda de sentido” (ARAÚJO, 2002, p. 67). Logo, de um modo geral, truncamentos são autônomos, formas livres; ao passo que os *splinters* são formas presas, por não funcionarem isoladamente, pois necessitam de outra forma, seja ela presa ou livre, para formarem uma palavra.

O recorte da sequência *-iane*, com a acepção de “pessoa que é”, não promove a sua inclusão entre os truncamentos vocabulares, pois tal fragmento, diferentemente do antropônimo *Iane*, adquire um significado mais abstrato, especializando-se, por externar menor densidade semântica que as palavras de livre curso na língua.

Mesmo que palavras truncadas e *splinters* participem de processos morfológicos distintos, Danks (2003) defende que “...*splinters* podem tornar-se truncamentos, mas sugere que isso só ocorre depois de se tornarem afixos produtivos” (DANKS, 2003, p. 48, tradução nossa). Segundo a autora, um *splinter*, por aparecer em diferentes novas formas e ser parte de palavras muito utilizadas ou, mais comumente, devido à combinação desses dois fatores, pode ser reclassificado como afixo e, mais tarde, pela frequência de uso, como forma truncada.

Danks (*op. cit.*, p. 57) exemplifica esse percurso com a sequência *burger*, que, inicialmente, era um *splinter* de *hamburger*, mas devido ao seu armazenamento na consciência dos falantes do Inglês, por meio de formas usuais, como *beefburger*,

*chickenburger* e *cheeseburger*, ao longo do tempo, passou a ser empregado de modo autônomo, à semelhança de uma forma truncada, o que de maneira alguma o isenta de ser ligado a outras formas. Conseqüentemente, tais palavras, que antes eram CVs, no momento da formação, passaram a ser classificadas sincronicamente de compostos, já que combinam duas formas livres.

Nos casos de *splinters* que se tornam afixos, as palavras antes classificadas como CVs, porque continham um *splinter*, são reclassificadas como derivações. Desse modo,

os CVs desempenham um importante papel no desenvolvimento de novos afixos. Sendo o *splinter* parte de um CV, interpretado ou não como um afixo, o *splinter* pode estar em vias de se tornar um novo afixo, o que faz do CV um processo produtivo, responsável pelo surgimento de *-burger*, *-cade*, *-mat*, *-rama*, *-tel*, *-teria*, *-(a)thon* e de outros morfemas presos, além de *burger* como um morfema livre. (CANNON, 1986, p. 734, tradução nossa).

Seguindo essa mesma linha, Quinion (1996) declara que o processo de CV pode dar origem a novos prefixos e sufixos, o que afeta sobremaneira a classificação de criações posteriores, e adiciona muitos outros elementos à lista de afixos da língua inglesa, a exemplo de *info-* e *-gate*.

Admitindo-se, então, que *splinters* podem tornar-se afixos, o próximo passo é examinar se o *splinter* -iane está em fase de transição, uma vez que se assemelha a um sufixo, por ser uma forma presa, realizar palavras morfológicas complexas sob um único acento, fixar-se na borda direita da palavra formada, e, por tudo isso, quem sabe, ser incluído no inventário fechado dos afixos.

### 3. Comportamento sufixal de -iane

Com o objetivo de investigar o comportamento sufixal da sequência -iane, apresentamos as características mais relevantes dos sufixos, que, de acordo com Gonçalves; Andrade (2012), são as seguintes:

a) como qualquer afixo, os sufixos são regidos por fortes restrições posicionais e sempre ocupam uma posição à direita na estrutura das palavras<sup>9</sup>;

---

9 Booij (2005) fornece uma explicação histórica para as rígidas restrições posicionais que são impostas aos afixos, argumentando que, no caso dos sufixos, eles podem ter surgido do segundo elemento de compostos com cabeça à direita, que por sua vez podem ter sido desenvolvidos a partir de sintagmas com a cabeça à direita, em línguas cuja sintaxe é de cabeça à direita. Exemplifica isso com o sufixo *-dom*, presente em *kingdom*, que tem origem na palavra *dom* “fate (‘destino’)” do Inglês Antigo.

b) constituem formas presas, isto é, são partes integrantes de palavras, pois não funcionam isoladamente como comunicação suficiente, nos termos de Bloomfield (1933), por só se manifestarem quando combinadas a bases presas (“cabeç-ada”) ou livres (“colher-ada”);

c) mesmo que não formem palavras prosódicas independentes, ou seja, não projetem, sozinhos, vocábulos fonológicos próprios, portam sempre o acento primário da estrutura do produto final;

d) são elementos mais estáveis, com função sintática e semântica pré-determinada, que “...delimitam os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas pelos diferentes processos de derivação”. (BASILIO, 1987, p. 28);

e) servem para criar séries de palavras, apresentando grande potencial de aplicabilidade na formação de novas unidades lexicais;

f) atualizam significados mais amplos, passíveis de combinação com um número maior de formas da língua;

g) atribuem a mesma ideia a todas as formas a que se vinculam. Com efeito, os itens lexicais resultantes tendem a ser interpretados pela versão tradicional do princípio de composicionalidade, isto é, pela soma dos significados das partes que os constituem;

h) por veicularem ideias gerais, fazem parte de um elenco fixo – e não muito numeroso – de unidades linguísticas, caracterizando, portanto, um inventário fechado;

i) impõem restrições semânticas e sintáticas sobre a forma à qual se juntam. Em outras palavras, selecionam a categoria lexical (substantivo, adjetivo, verbo); a classe semântica (por exemplo, abstrato/concreto; animado/inanimado; contável/não contável) do constituinte com que se combinam; e a relação sintática entre os constituintes (DT-DM)<sup>10</sup>; e, por fim,

j) não são sensíveis às regras de redução de coordenação (*Coordination Reduction* – CR), quer para trás (BCR), quer para frente (FCR) (cf. KENESEI, 2007, p. 10). Isto é, na coordenação (conjuntiva ou disjuntiva) de palavras derivadas, não é possível apagar afixos ou bases, a exemplo da coordenação de “livr-eiro e/ou livr-aria”, que não pode ser parafraseada por “livr-ø e/ou livr-aria” ou “livreiro e/ou ø-aria”; já que sufixos carregam significados generalizados, o que os impede de ter livre curso na língua.

---

10 DT e DM são abreviações de Determinante e Determinado, respectivamente.

Com relação ao parâmetro (c), cabe lembrar que Booij (2002), observando a capacidade de os afixos projetarem ou não palavra fonológica, denomina-os de coerentes (*cohering*) e não coerentes (*no cohering*). Os coerentes são aqueles integralmente incorporados à palavra fonológica resultante de sua anexação a uma base; ao passo que os afixos não coerentes não promovem mudanças fonológicas na base, que se mantém intacta segmentalmente, por projetarem palavras fonológicas independentes. Sendo assim, *-iane* carrega propriedades de um sufixo coerente.

Quanto ao parâmetro (f), é possível contra-argumentar que a sequência *-iane* não apresenta generalidade de aplicação, já que não atualiza conteúdos em larga escala. Isso porque o significado que veicula, na condição de sufixo, “pessoa que é”, é aplicável a um número limitado de bases, ou melhor, somente a bases que operam como predicadoras. Contudo, Basilio (1987) esclarece que há, em português, afixos com diferentes graus de generalidade e “...o teor de produtividade está provavelmente ligado a esse grau de generalidade”. (BASILIO, 1987, p. 29).

A propósito, comparem-se dois elementos considerados, consensualmente, sufixos: *-udoe-eiro*. O primeiro expressa abundância, em geral, relacionada ao corpo (p. ex. “orelhudo”, “barrigudo”, “narigudo”), o que lhe impõe uma menor generalidade em relação ao segundo. Este, responsável por formar, prototipicamente, substantivos agentivos denominais (p. ex. “fofoqueiro”, “brahmeiro”, “blogueiro”), veicula um conteúdo semântico de grande generalidade e, por esse motivo, praticamente não há restrições a sua aplicabilidade (cf. GONÇALVES, 2005). Como os sufixos *-udo* e *-eiro* diferem em generalidade, pode-se afirmar que “...a diferença no teor de produtividade não é acidental”. (BASILIO, 1987, p. 29). Assim sendo, a partícula *-iane*, mesmo constituindo um menor número de unidades morfológicas, por conta do conteúdo semântico que conduz, e, principalmente, por ser um formativo de uso recente, não se afasta da função desempenhada por um sufixo.

Nesse contorno, Katamba (1993) também defende a produtividade como uma questão de grau, além de destacar a dimensão temporal imanente ao conceito, uma vez que um novo processo pode ser muito geral durante uma determinada época e menos geral em uma época subsequente. De modo inverso, um novo processo pode inicialmente acessar poucas bases e depois adquirir uma maior aplicabilidade.

Assim, o formativo *-iane*, por ser uma forma presa, ter posição fixa na palavra, combinar-se com uma forma livre, estabelecendo com ela uma relação de subordinação, e, ainda, promover a produção de palavras em série, assemelha-se a um sufixo, de modo que pode ser classificado como tal.

Pelo exposto, acreditamos ter evidenciado que a sequência fonológica *-iane*, recorrente em formações que designam “pessoa que é X”, pode deixar de ser vista como um formativo sem definição categorial, já que tem características e propriedades de um *splinter* ou até mesmo de um sufixo. No entanto, partimos do princípio de que o léxico e os estratos gramaticais não podem ser tratados em separado e, por isso mesmo, independentemente da categoria morfológica concedida ao formativo *-iane*, fundamental para uma descrição de cunho cartesiano e dicotômico, lançamos mão do modelo da Morfologia Construcional, desenvolvido por Booij (2007; 2010), em que não há distinção rígida entre a composição e a derivação, e até mesmo entre morfologia flexional e derivacional. Na seção subsequente, apresentamos resumidamente esse aporte teórico, que fundamenta a nossa proposta de formalização das construções X-iane.

#### 4. Fundamentação teórica

A Morfologia Construcional, mediante os seus dispositivos teóricos claramente construcionais, inscreve-se entre os vários modelos da Gramática das Construções (GC), que, por sua vez, tem origem na Linguística Cognitiva, sobretudo, nas obras de Langacker (1987), Fillmore (1988) e Goldberg (1995). A GC, em suas variadas abordagens, diferentes umas das outras, teoriza sobre como a gramática pode ser representada na mente dos falantes, com o objetivo de desenhar um quadro o mais fiel possível da realidade psicolinguística da linguagem. Esse referencial teórico tem sido aplicado com sucesso na investigação tipológica das construções (CROFT, 2001), na pesquisa sintática (GOLDBERG, 1995; 2006), e em pesquisas no âmbito da fonologia (BYBEE, 2001) e da morfologia (BYBEE, 1985; 2010; BOOIJ, 2007; 2010).

Modernamente, a investigação sobre a linguagem segue em direção da fluidez categorial das unidades gramaticais, e os modelos teóricos, sob a rubrica da GC, se enquadram nessa nova tendência, pois partem do princípio de que os fenômenos linguísticos estão distribuídos em um amplo *continuum*, no qual não há fronteiras rigidamente delimitadas entre o léxico e a gramática (fonologia, morfologia,

sintaxe, semântica). Para validar esse *continuum*, Hoffmann & Trousdale (2003, p. 2) citam vários exemplos de construção, dentre eles, a que nos interessa de perto, a palavra, pareamento clássico de forma e significado.

Embora cada vertente da teoria se concentre em características distintas, cabe ressaltar que o paradigma da GC tem como fio condutor o “papel central das construções, a ideia de que a arquitetura da linguagem não é modular nem derivacional, e que as construções são aprendidas com base nos *inputs*. Ao mesmo tempo, apresenta algumas diferenças importantes, que são indicadas pela etiqueta cognitiva” (BOAS, 2003, p. 248, tradução nossa), a exemplo da abordagem construcional de Goldberg (1995), que se tornou conhecida como Gramática Cognitiva de Construções.

Nesses modelos, as análises linguísticas que se restringem às dicotomias não recebem adesão, pois não dão conta de fenômenos que transitam entre uma categoria gramatical e outra, já que se limitam aos representantes prototípicos de uma dada categoria, definida por um conjunto de características absolutas e suficientes. As abordagens linguísticas atuais, como as citadas, postulam que as fronteiras gramaticais não são nítidas nem discretas; logo, para compreensão mais ampla e descrição mais condizente das operações inerentes ao uso da língua não se devem isolar os aspectos lexicais, sintáticos, semânticos e pragmáticos que determinam a forma de quaisquer construções.

Na visão da GC, construções são pareamentos aprendidos de forma e significado, como a definição de Goldberg (2006) ilustra:

padrão linguístico é reconhecido como uma construção, desde que algum aspecto de forma ou função não seja rigorosamente previsível a partir dos seus componentes, ou a partir de outras construções reconhecidas, já existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções, mesmo que sejam totalmente previsíveis [regulares], desde que ocorram com frequência suficiente. (GOLDBERG, 2006, p. 5, tradução nossa).

Dessa perspectiva, todos os níveis de análise gramatical envolvem construções: pareamento de uma forma particular com um significado específico (convencional), incluindo aí palavras monomorfêmicas, palavras complexas, expressões idiomáticas parcialmente preenchidas e padrões totalmente lexicais. Por conseguinte, é possível considerar, em uma análise morfológica, as determinações teóricas aplicadas na sintaxe, mais especificamente, na semântica da predicação,

por Goldberg (1995; 2006); em especial, as relacionadas aos tipos de conexão que se estabelecem entre as construções.

No âmbito da Morfologia, Booij (2007; 2010), bem como Bauer (2005), Rondinini; Gonçalves (2007), Kastovsky (2009), Ralli (2010), Gonçalves (2011), Andrade (2013), considera que a demarcação de fronteiras entre a derivação e a composição não é precisa, discreta, já que os formativos estão sujeitos a oscilações quanto às características que os particularizam. Desse modo, Booij (2010) desenvolve o modelo teórico, denominado de Morfologia Construcional, que oferece ferramentas necessárias à análise unificada das palavras complexas, descartando as exceções às regras, ou melhor, o número de regras específicas que as governam. Surge, assim, um aporte teórico mais vantajoso que os modelos tradicionais para representar generalizações, fundamentadas na língua em uso, acerca dos processos de formação lexical.

Um dos argumentos utilizados por Booij (2007), para um tratamento unificado composição-derivação, refere-se à origem de muitos, se não todos, afixos derivacionais. Historicamente, os afixos derivam de lexemas utilizados como primeiro ou segundo componente de compostos, uma vez que palavras compostas começando ou terminando com o mesmo componente formam famílias de palavras que podem ser caracterizadas por meio de esquemas de palavras complexas em que um dos constituintes é especificado no léxico. Em outros termos, se um determinado constituinte perde o estatuto de palavra de livre curso, pode tornar-se um afixo, visto que sobrevive como parte de um esquema composto, com significados às vezes menos básicos e semanticamente mais abstratos.

As construções licenciam qualquer formação, seja uma instanciação de padrão sintático ou de padrão morfológico, desde que possua propriedades formal e semântica específicas, únicas daquela instanciação particular. Nas construções morfológicas, posições fixas são preenchidas por formativos, desconsiderando não só a sua etiqueta lexical, uma vez que podem ou não corresponder a um lexema, mas também as regras que norteiam as relações sintáticas e semânticas entre um e outro constituinte.

Desse modo, a análise por meio de esquemas construcionais se mostra bem mais eficiente e econômica, visto que, a partir deles, além de ser possível o delineamento da estrutura de palavras já existentes e a especificação de como novas palavras complexas podem ser criadas, é possível também avaliar características e propriedades em separado de um ou mais elementos de uma expressão linguística.

Em princípio, esquemas são mais adequados para descrever a formação de palavras complexas, sejam elas produtos de composição (e subtipos), de cruzamento vocabular ou de derivação. Portanto, “...essas unidades, que são complexas, podem, igualmente, ser analisadas, em suas estruturas de formação, por meio de esquemas construcionais.” (GONÇALVES & ALMEIDA, 2014, p. 110).

O fato de os esquemas construcionais apresentarem uma posição fixa e outra aberta, não se distinguindo significativamente de palavras morfologicamente complexas (derivadas ou compostas), impulsiona Booij (2007) a propor uma formalização esquemática para os três padrões morfológicos mais comuns em Holandês, ilustrada em (04), abaixo. Nestes esquemas, as variáveis X e Y representam as sequências fonológicas e as variáveis x e y, as categorias lexicais. Os esquemas de derivação (04-b e 04-c) expressam a generalização de que os afixos não possuem etiqueta lexical, e de que a prefixação, diferentemente da sufixação, é neutra, dado as palavras prefixadas pertencerem à mesma categoria da base.

- (04) a. compostos com cabeça lexical à direita:  $[[X]_X][Y]_Y$   
b. nomes sufixados:  $[[X]_X Y]_Y$   
c. nomes prefixados:  $[X[Y]_Y]_Y$

Considerando que palavras são instâncias particulares de construções, ilustradas em (04), cada uma delas tem a sua própria representação, seu esquema específico. Um item lexical, como, por exemplo, “sapat-aria”, é contemplado como uma das instâncias da construção abstrata de sufixação, reproduzida em (04-b). Esquemas, portanto, são moldes construcionais preenchidos com as representações de conceitos genéricos armazenados na memória, os quais fazem parte do conhecimento lexical dos falantes, e o material linguístico selecionado para compor essa representação é disposto sequencialmente na construção, associando, desse modo, a estrutura formal com a estrutura semântica.

Uma importante fonte de criatividade e produtividade linguística diz respeito à capacidade de expansão dos esquemas construcionais, que admitem ser preenchidos, por analogia, com novos itens, sintagmas ou outras construções já utilizados e armazenados na memória. Na esteira de Bybee (2010), dentre vários estudiosos, consideramos analogia como o uso de um novo padrão a partir de um já existente, tendo como parâmetro os exemplares já estocados na memória. Para a autora, a analogia contrasta com a produtividade governada por regras, porque está fortemente baseada na semelhança de itens já existentes e não em regras

simbólicas mais gerais. Por isso, assumimos que a transferência morfossemântica entre as construções ocorre por analogia em detrimento de regras.

Passamos, na próxima seção, à análise e à formalização das construções X-iane, tendo em mente que os elementos constitutivos dos processos de formação de palavras podem sofrer mudanças categoriais, a depender do conteúdo semântico que expressam, o que interfere diretamente nas suas funções gramaticais e lexicais.

## 5. Formalização das construções X-iane

Vimos, anteriormente, que *splinters* compartilham diversas características com os afixos e, em decorrência, podem ser contemplados pelo padrão geral de derivação, proposto por Booij (2007):  $[[X]_X Y]_Y$ . Tomemos como exemplo a forma “falsiane”, na qual se observa a presença da sequência -iane, antes apenas o pé nuclear da palavra-matriz N-iane, ou seja, um elemento não morfêmico, mais precisamente um *splinter*, que, por (a) se fixar à direita, em termos de posição e fixidez; (b) selecionar a categoria lexical da base; e (c) formar palavras em série, atua como se fosse um sufixo. Pela força do uso, a sequência -iane, em formações morfológicamente complexas nas quais é um constituinte, passou a denotar “pessoa que é”, como uma espécie de ênfase ao significado veiculado pelo item lexical que lhe serviu de base.

Com base nessas observações, as palavras formadas por cruzamento vocabular, em que se verifica a reincidência de um *splinter*, podem ser vistas como criadas por analogia, a exemplo da série de CVs que tem “madrasta” como uma das fontes: “tiadrasta”, “primadrasta”, “irmãdrasta” etc. (RONDININI; ANDRADE, 2016, no prelo). Não raro, se uma determinada interpretação idiossincrática se repete em uma palavra complexa recém-inventada, implica a existência de uma palavra de modelo especificado, como se observa abaixo na construção X-iane, (em 05), abaixo, em que SEM representa o conteúdo formal e semântico da construção base  $[X]$ , e os índices subscritos (i) e (j) identificam a categoria lexical das unidades instanciadas na construção, ou seja, se elas pertencem à classe de substantivos, adjetivos ou verbos.

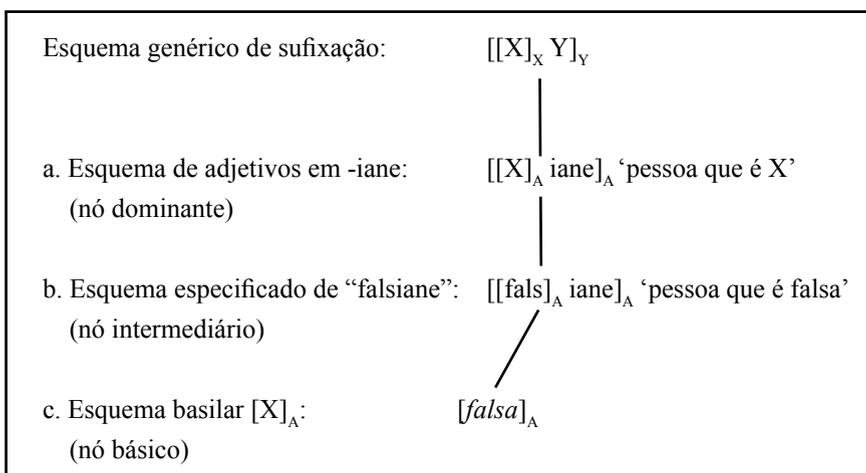
(05)  $[[x]_i [iane]]_j \leftrightarrow [“pessoa que é” SEM]_j$

Booij (2007) concebe um léxico hierarquizado, que se organiza por esquemas (e sub-esquemas) construcionais, os quais, nas palavras do autor,

representam generalizações sobre conjuntos de palavras complexas com diferentes graus de abstração. As palavras complexas por si sós são especificadas individualmente no léxico na medida em que vão sendo convencionalmente estabelecidas. A relação entre o esquema abstrato e suas instanciações individuais pode ser representada por uma árvore que tem o referido esquema como nóculo dominante. Palavras individuais formam o nó mais baixo das árvores e herdam as propriedades dos nós pelos quais elas são dominadas”. (BOOIJ, 2007, p. 14, tradução nossa).

Em sendo assim, o item “falsiane”, por exemplo, pode ser representado no léxico, conforme o quadro, em (06), a seguir.

(06) Representação esquemática do item lexical “falsiane”



Segundo Booij (*op. cit.*), as palavras complexas estão autorizadas a ter múltiplas ligações no léxico, uma vez que o nó intermediário pode herdar propriedades do nó dominante, e as propriedades herdadas pela palavra especificada portam informações redundantes, circunscritas nas instanciações dos nódulos dominantes e inferiores, com base na dinâmica ativação de conceitos disponíveis, armazenados na memória. Assim, a palavra tomada como exemplo, “falsiane”, também herda as características semântica e formal de sua base (06-c), ou seja, do lexema “falsa”, que se liga, por instanciação, à construção especificada “falsiane” (06-b), que por sua vez é uma das possíveis instanciações do esquema de derivação em -iane (06-a).

As linhas hierárquicas da representação se relacionam por instanciação. Ligações por instanciação, nos termos de Goldberg (1995), referem-se às que se estabelecem entre as construções sintáticas quando uma construção é uma versão mais especificada do que a outra. Analogamente, conexões por instanciação se realizam para capturar a herança morfossemântica subsistente entre as construções morfológicas, ancorando a forma e o significado da construção especificada: a palavra individual.

A partir do esquema em (06-a), novas palavras podem ser formadas por meio do mecanismo de unificação formal. Diz-se que um esquema foi unificado quando suas posições passam a ser preenchidas por outras sequências fonológicas. O esquema em (06-a) é unificado, ou seja, passa a servir de referência para formações no mesmo padrão, quando a posição aberta [X] é preenchida, por exemplo, com o adjetivo “sincera”, gerando o item deadjetival “sinceriane” (“pessoa que é sincera”). Ilustra-se abaixo, em (07), a unificação do esquema abstrato de sufixação em -iane, em que o esquema em (06-c) pode ser instanciado pelo item lexical selecionado pelo falante, de acordo com as suas necessidades discursivas, a exemplo de “amiga”, “doida”, “gorda”, “magra”, “otária”, “puta” etc.

(07)  $[[X]_A \text{ iane}]_A \leftrightarrow [X \text{ -iane}]_A$  ‘pessoa que é X’<sub>A</sub>  
 [doid]<sub>A</sub> iane]<sub>A</sub>  
 [gord]<sub>A</sub> iane]<sub>A</sub>  
 [otar]<sub>A</sub> iane]<sub>A</sub>  
 [put]<sub>A</sub> iane]<sub>A</sub>  
 etc.

Parece-nos lícito afirmar que a partícula -iane, ao assumir o significado de “pessoa que é”, agrega-se a palavras de função adjetiva, incorporando, assim, um padrão especificado de derivação avaliativa. Villalva (2003) inscreve esse padrão no processo de Modificação Morfológica, pois, de acordo com a autora, sufixos avaliativos (diminutivos, aumentativos, valorativos e pejorativos) selecionam a categoria léxico-semântica da base (no caso em questão, nomes predicativos) e não promovem mudança de classe (base e produto pertencem à mesma categoria lexical), tampouco admitem mudança de gênero. Em decorrência, a autora aloca os sufixos avaliativos no grupo de modificadores morfológicos, já que operam exclusivamente sobre as categorias morfossemânticas, acrescentando segmentos e conteúdo semântico à palavra-fonte. Esse comportamento evidencia que a sequência fonológica -iane, inicialmente considerada por nós, um *splinter*, está

em plena trajetória de gramaticalização, ao desempenhar a função de um sufixo avaliativo, expressando conteúdo pejorativo, que, na maior parte das vezes, veicula um juízo depreciativo, como se pode observar em (08), abaixo.

(08) “Então de (sic) valor as suas amigas de verdade, [...] a que fala que você ta (sic) sendo **otariane**, **trouxiane** e **babaquiane** que te ajudam, principalmente aquelas que mandam prints e os audios (sic) kkkkkkkk [...]”.<sup>11</sup>

A mudança em curso da partícula -iane, passando de *splinter* a sufixo derivante de adjetivos, manifesta-se no uso de algumas formações ainda empregadas como antropônimos, os quais, de acordo com a classificação tradicional de palavras, pertencem à classe dos substantivos, pois, semanticamente, têm como característica “...a designação de seres (e, portanto, a possibilidade de serem interpretados como seres ou entidades)” (BASILIO, 1998, p. 2), conforme ilustrado abaixo, em (09).

(09) a. “Vascaína, Camila Pitanga sofre com derrota e se chama de ‘**Sofriane Pitangão**’”.<sup>12</sup>

b. “Próxima vez que eu e **bestiane** for no shopping agente vai fazer isso”.<sup>13</sup>

c. “Atenção atenção, troco **falsiane**, **putiane**, **cabriane** e tantas outras ‘ane’ (sic) por chocolate”.<sup>14</sup>

Esses usos tipificam um nítido caso de gramaticalização. A sequência -iane, com a acepção de “pessoa que é”, antes um *splinter* oriundo de CVs que têm como uma das bases um nome próprio nos moldes N-iane, vem perdendo o potencial de evocar os seres designados por suas formas de base (primordial a um *splinter*) e ganhando a função gramatical de estruturar novos adjetivos, ao veicular o significado de “pessoa que é”. Nos exemplos em (09), a partícula -iane ainda constitui palavras interpretadas como substantivos, por preservar a função essencial de um *splinter*: evocar o significado da palavra primitiva; no caso de -iane, do ser denominado pela forma N-iane, da qual fazia parte. Portanto, a sequência em questão guarda resquícios formais e semânticos da construção original, característica básica de itens em gramaticalização (cf. MARTELOTTA, 2011).

Os aspectos aqui analisados confirmam a flutuação do formativo -iane entre comportar-se como um *splinter* e um sufixo, ratificando a proposta de Andrade

11 Disponível em <<http://vamosdefuscathayetiff.blogspot.com.br/2015/09/eu-te-amo-miga.html>>. Acesso em 03 mar. 2016.

12 Disponível em <<http://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2015/07/vascaina-camila-pitanga-sofre-com-derrota-e-se-chama-de-sofriane-pitangao.html>>. Acesso em 03 mar. 2016.

13 Disponível em <<http://ellen-rangel.blogspot.com.br>>. Acesso em 03 mar. 2016.

14 Disponível em <<https://twitter.com/naosejatruxa>>. Acesso em 03 mar. 2016.

(2013), no que diz respeito (a) à constituição de um *continuum* radical-afixo e (b) ao processo subjacente à construção X-iane posicionar-se entre o cruzamento vocabular e a derivação no *continuum* composição-derivação.

Ainda podemos mencionar, a favor da disponibilidade da construção X-iane, o Princípio de Coerência Semântica (GOLDBERG, 1995, p. 50), segundo o qual somente papéis semanticamente compatíveis podem ser fundidos em uma dada construção, pois, para a autora, as construções, por si mesmas, portam significado. De modo semelhante, aplicando esse princípio sintático ao nível da palavra, podemos assumir que a construção sufixal avaliativa X-iane reconheça exclusivamente como base um nome com função adjetiva, pelo fato de já ser dotada de significação: a de predicar alguém. Por conseguinte, é previsível que uma forma constituída com a partícula -iane, parafraseada como “pessoa que é”, se integre ao significado inerente a essa construção.

Os dados, abaixo, em (10), utilizados em um horóscopo criado pejorativamente para destacar as características frequentativas e indesejáveis de cada signo, exemplificam bem o significado que a construção X-iane possui.

(10) “Áries: **escrotiane** Touro: **baleiane** Gêmeos: **falsiane** Câncer: **sonsiane** Leão: **biscatiane** Virgem: **intrometiane**”.<sup>15</sup>

Também é fato que uma diferença de ordem semântica ou pragmática implica diferença na forma (Princípio da Não Sinonímia, GOLDBERG, 1995, p. 67), no caso em foco, o acréscimo da partícula -iane à palavra tomada como base. Com relação à formação X-iane, se analisada com esse aporte teórico, a diferença parece ser muito mais de ordem pragmática do que semântica, o que corrobora a formação, em série, de novos itens que são selecionados recorrentemente em situações comunicativas mais informais, por um determinado grupo de falantes.

## 6. Conclusão

Neste artigo, abordamos o surgimento de formações X-iane e, conseqüentemente, a categorização do novo constituinte morfológico -iane, que tem origem nos cruzamentos de palavras predicativas com nomes próprios terminados com essa sequência. Vimos que o formativo em questão, ao adquirir o significado de “pessoa que é”, assim como a maioria dos *splinters* finais,

---

<sup>15</sup> Disponível em <<https://twitter.com/signodabad/status/664641002804748288>>. Acesso em 03 mar. 2016.

exibe muitas características de sufixos, pois, além de estabelecer uma relação sintática de subordinação com o primeiro elemento nos moldes do padrão geral da sufixação: determinante-determinado, é uma forma presa, realiza palavras morfológicas complexas sob um único acento, e fixa-se na borda direita da nova palavra. Por ser um formativo de uso muito recente e apresentar diferentes graus de aplicabilidade, acreditamos que, na sincronia atual, -iane esteja localizado, no *continuum* radical-afixo, entre as categorias *splinter* e sufixo.

Certamente, uma descrição fundamentada em dicotomias não consegue acolher as construções X-iane, uma vez que pressupõe que as categorias (a) são definidas por um conjunto de propriedades absolutas e suficientes, (b) têm fronteiras bem delimitadas e (c) são constituídas por membros com idêntico estatuto.

Em contrapartida, uma abordagem nos moldes da Morfologia Construcional, como a apresentada aqui, assume que as categorias não têm fronteiras claramente demarcadas e, por isso, podem mudar com o decorrer do tempo. Portanto, a formalização por meio de esquemas construcionais se mostra bem mais apropriada à heterogeneidade tipológica das formações X-iane, já que a delimitação do formativo -iane não é tão nítida, pois ora se encaixa, com mais precisão, na categoria de *splinters*, ora na de sufixos.

O esquema construcional proposto neste artigo sustenta a nossa hipótese de que os usuários da língua não mais necessariamente modelam as novas palavras terminadas em -iane a partir do CV “falsiane” nem acionam informações etimológicas relativas ao antropônimo “Iane”. Os falantes, ao adquirirem conhecimento de esquemas morfológicos abstratos, baseados em um conjunto de palavras que segue um mesmo padrão, já que se deparam com um número suficiente de palavras de um certo tipo, passam a acessar uma construção disponível no léxico que atenda o seu propósito comunicativo e, amparados pelos respectivos esquemas, ampliam, por analogia, esse conjunto de palavras com novas formações.

Como o léxico está em processo de contínua reconstituição, julgamos que os falantes estenderam o uso de -iane a outros adjetivos, a fim de qualificar, pejorativamente, alguém conhecido, ou a si mesmos, conferindo-lhe(s) as características psicológicas ou físicas indicadas pela palavra-fonte, devido à disponibilidade, no léxico, do esquema abstrato de derivação em -iane, que, além de estar relacionado à função avaliativa dos elementos morfológicos

(VILLALVA, 2003), “também pode servir como meio de sinalização do falante (ou de grupos de falantes), apresentando função indexical” (GONÇALVES, 2002, p. 43), conforme os exemplos “amiguiane”, “burriane”, “baleiane”, “chatiane”, “intrometiane”, “vadiane”, dentre inúmeros outros que circulam informalmente na língua, além dos que estão por vir.

## The “ianes” of the ghetto: morpho-pragmatic analysis of the current X-iane constructions

### Abstract

This article discusses aspects related to the creation of new formations of X-iane type in Brazilian Portuguese, as can be seen in “falsiane”, “gordiane” and “sinceriane”, which is of recurrent use today mainly in informal communication situations and in the textual genre common to the electronic environment. Such words present a strong predicative characteristic and can be paraphrased as “a person who is X”. Due to the particularities identified in those formations, we have used as base for the description primarily theoretical approaches related to: (a) the Blendind (GONÇALVES, 2006; ANDRADE, 2013); (b) the concept of splinter (ADAMS, 1973; DANKS, 2003; BAUER, 2005) and (c) the concept of suffix (BASILIO, 1987, GONÇALVES & ANDRADE, 2012) in order to then propose a formalization of the phenomenon according to the Construction Morphology (BOOIJ, 2007, 2010), which is a model that allows for an unified analysis of the formation of complex, compound or derived words through the establishment of constructional schemes, from which it is possible to delimit the structure of existing words and the way in which new complex words can be formed.

Keywords: Blending. Splinter. Derivation. Evaluative suffix. Constructional scheme.

### Referências

ADAMS, Valerie. **An introduction to modern English word formation**. London: Longman, 1973.

ALGEO, John. Blends, a structural and systemic view. **American speech** 52, 1977, p. 47-64.

ANDRADE, Katia Emmerick. **Proposta de um *continuum* composição-derivação**

**para o Português do Brasil.** Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

ARAÚJO, Gabriel. **Truncamento e reduplicação no português brasileiro**, 2002. Disponível em <<http://www.relin.letras.ufmg.br/revista/upload/04-Gabriel-Araujo.pdf>>. Acesso em 10 out. 2012.

BASILIO, Margarida. O fator semântico na flutuação substantivo/adjetivo em português. In: HEYE, Jurgen (Org.). **Flores verbais**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

BASILIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

BAUER, Laurie. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, Wolfgang U. *et al.* (Eds.) **Morphology and its demarcations**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 97-108.

BAUER, Laurie. Is there a class of neoclassical compounds, and if so is it productive? **Linguistics** 36, 1998, p. 403-422.

BAUER, Laurie. **English word-formation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BOAS, Hans. C. Cognitive Construction Grammar. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (eds.), **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 233-254.

BOOIJ, Geert. **The Morphology of Dutch**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

BOOIJ, Geert. **The grammar of words: an introduction to linguistic morphology**. New York: Oxford University Press, 2005.

BOOIJ, Geert. **Compounding and derivation: evidence for Construction Morphology**, 2007.

Disponível em <<http://www.hum2.leidenuniv.nl/booiige/pdf/Compounding%20and%20derivation.PDF>>. Acesso em 05 abr. 2013.

BOOIJ, Geert. **Construction Morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BYBEE, Joan. **Morphology: the relations between meaning and form**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1985.

BYBEE, Joan. **Phonology and Language Use**. New York: Cambridge University Press, 2001.

- Disponível em <<http://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam033/00045525.pdf>>. Acesso em 13 de julho de 2013.
- BYBEE, Joan. **Language, Usage and Cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CANNON, Garland. Blends in English word formation. **Linguistics** 24, 1986, p. 725-753.
- DANKS, Debbie. **Separating blends: a formal investigation of the blending process in English and its relationship to associated word formation processes**. PhD Thesis. University of Liverpool, 2003. Disponível em <[http://rdues.bcu.ac.uk/publ/Debbie\\_Danks\\_Thesis.pdf](http://rdues.bcu.ac.uk/publ/Debbie_Danks_Thesis.pdf)>. Acesso em 20 ago. 2012.
- CROFT, William. **Radical Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- FILLMORE, Charles. **The mechanisms of ‘Construction Grammar’**. Berkeley Linguistics Society 14, 1988, p. 35-55.
- GOLDBERG, Adele. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. **Alfa**. v. 58, n.1. São Paulo: ILCE/UNESP, 2014.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um Continuum? Pequeno estudo de casos. **Domínios da Linguagem**, Uberlândia, 5, 2011.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Flexão e Derivação em Português**. 1. ed., Rio de Janeiro: Fac. Letras/UFRJ, 2005.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre; ANDRADE, Katia Emmerick. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición–derivación en portugués. **Linguística**, 28 (2), 2012.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. A ambimorfemia de cruzamentos vocabulares em português: uma abordagem por ranking de restrições. **Revista da Abralin**, v. 5, 2006.
- HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 1-12.

- KASTOVSKY, Dieter. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In McConchie, R. W. *et alii* (Eds.), **Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p. 1-13, 2009. Disponível em <<http://www.lingref.com>>. Acesso em 21 de agosto de 2012.
- KATAMBA, Francis. **Modern linguistic morphology**. New York: Series, 1993.
- KENESEI, Istvan. Semiwords and affixoids: the territory between word and affix. Budapest: **Research Institute for Linguistics**, 2007. Disponível em <<http://www.nytud.hu>>. Acesso em 25 de novembro de 2012.
- LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar**. California: Stanford University Press, 1987.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística**. São Paulo: Cortez, 2011.
- QUINION, Michael. *Through the blender*. 1996. Disponível em <<http://www.worldwidewords.org/articles/blend.htm>>. Acesso em 25 ago. 2012.
- RALLI, Angela. Compounding versus derivation. In: SCALISE, Sergio. & VOGEL, Irene (Eds.). **The benjamins handbook of compounding**. Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 2010.
- RONDININI, Roberto Botelho; ANDRADE, Katia Emmerick. Um “sufixodrastra”? Estudo das formações X-drastra(o) no Português do Brasil. In VILLALVA, Alina; SOUZA, Edson Rosa de (Orgs.) **Estudos de morfologia: recortes e abordagens**. São Paulo: Mercado de Letras, 2016. No prelo.
- RONDININI, Roberto Botelho; GONÇALVES, Carlos Alexandre. Formações X-logo e X-grafo: um caso de deslocamento da composição para a derivação? In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA. XXII, Coimbra, 2006. **Textos selecionados do XXII encontro nacional da associação portuguesa de linguística (APL)**, Lisboa: Colibri, 2007, p. 533 – 546. Disponível em <[http://www.apl.org.pt/docs/22-textos-selecionados/39-Rondinini\\_Goncalves.pdf](http://www.apl.org.pt/docs/22-textos-selecionados/39-Rondinini_Goncalves.pdf)>. Acesso em 10 de novembro de 2007.
- TRASK, Robert. L. **Language change**. London: Routledge, 1994.
- VILLALVA, Alina. Formação de palavras: afixação. In: MIRA MATEUS *et al.* (Orgs.), **Gramática da Língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2003, p. 941-967.

Submetido: 08/03/2016

Aceite: 05/09/2016